

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 26 n.ºs	Semest 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	19.º Anno — XIX Volume — N.º 621	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Liboa, L. do Poço Novo, entrada pela Tr. do Convento de Jesus, 1</i>
Portugal (franco de porte m. forte)	4800	2400	800	8120	25 DE MARÇO DE 1896	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4000	2000	600	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5000	2500	800	—		



A EGREJA DE SANTO ANTONIO EM PARIS

(Cópia de uma photographia)





## CHRONICA OCCIDENTAL

Continua o Gungunhana a chamar a atenção. O que faz, o que diz, o que digere, o ar que apanha, tudo é meticulosamente observado pelo bando de curiosos, que todos os dias vão em romaria até ao forte de Monsanto. Os jornaes ainda se não cansaram de publicar os retratos do infeliz vencido e de toda a enorme familia vátea, mulheres, filhos, tuos e amigos.

O caso de Mousinho não é d'estes, que facilmente se esquecem. O posto de accesso, que lhe foi conferido com applauso de todos, tornou-se o assumpto dos artigos de fundo e das conversações politicas; mas o discutido não é o valente capitão, é o ministro da guerra.

Seja, porém, como fór, a recompensa a Mousinho foi unanimemente festejada, e o novo Governador de Moçambique ficará por muito tempo o heroe favorito dos portuguezes.

A elle se refere a Portugal com os maiores louvores toda a imprensa estrangeira. E' que effectivamente o acto heroico d'aquelle punhado de soldados mais parece conto da antiga fabula ou episodio ingenuamente narrado por algum dos nossos velhos chronicistas do que facto real, acontecido ha mem duzia de dias e levado a cabo por um rapaz, que todos conhecemos, que todos estimamos, e que para tanto só quiz ver-se acompanhado por quatro duzias de homens, como elle valentes, como elle de lei, como elle portuguezes.

Um dia, d'aqui a muitos annos ou seculos, algum auctor dramatico engendrará com o heroe de Chaimite, o Gungunhana, o Godide e o Zixaxa, algum drama historico em alexandrinos, se tanto durarem versos. O que se passará no cerebro do dramaturgo não sabemos; mas o drama que ha de parecer demasiado fantastico, possivel será que fique abaixo da verdade.

E' que ha factos historicos, por forma tal extraordinarios, heroicos, sobre-humanos, que o romancista ou dramaturgo, encarando-os, sente-se estremecer ante a singeleza com que foram concebidos e executados, e esmagar pela grandeza do assumpto. Por isso á epopeia quasi sempre preferem a tragedia, e, por certo, será mais facil descrever os tormentos do Infante Santo do que a alegria de Vasco da Gama ao desembarcar na vasta peninsula do Indo e do Ganges.

Agora que se vai approximando a epoca em que se ha de festejar o centenario do descobrimento da India, muito se ouve falar na commemoração theatral do mais brilhante facto da nossa historia brilhantissima.

Dos auctores, portuguezes um só tem a corda epica. É Lopes de Mendonça. O drama compete-lhe fazel-o. Além de poeta e dos melhores, Lopes de Mendonça, que, como distincto official de marinha, foi pelo governo encarregado de escrever a historia da marinha portugueza, possui elementos como poucos, de que já deu prova nas suas conferencias e livros publicados, para se desempenhar do cargo honroso e brilhantemente.

Emquanto esperamos pelo novo original, vão-se os theatros entretendo ou com companhias estrangeiras ou com comedias e dramas traduzidos. E vamos que não vão mal. D'esta vez parece que acertaram todos.

No theatro D. Amelia uma companhia franceza franceza, das mais completas que nos teem visitado, chama todas as noites enorme concorrencia com os espectaculos mais variados. Desde as farças mais afamadas dos theatros do Boulevard até as finissimas comedias de Pailleron e Banville, tudo nos tem dado a conhecer, não se esquecendo, como bons francezes que são as que a compõem, do idolo litterario da França, o grande Molière. Sem elle não ha companhia que se respeite e por isso nos foi dado ouvir, ha dias, *L'Ecole des Femmes*, uma das mais extraordinarias creações do maior dos poetas comicos.

Em D. Maria representou-se no dia 21 o afamado drama de Joaquim Dicenta, *João José*. A peça que em Madrid teve um exito quasi sem precedentes, no theatro da Comedia, obteve com a interpretação dos nossos actores um verdadeiro triumpho. Anna Pereira, festejadissima á sua entrada n'aquelle palco onde, ha tantos annos, o publico saudoso a desejava e não via, mal restabelecida d'uma doença grave, ainda mal convalescente d'uma das maiores dôres da sua vida, mostrou n'um pequeno papel caracteristico que ainda possui todos os recursos que a tornaram tão cedo uma das maiores actrizes portuguezas, ha muito

digna de figurar no selectissimo elenco do nosso primeiro theatro. O exito obtido foi digno da peça e do desempenho. A empresa enviou a Joaquim Dicenta um telegramma felicitando-o pelas palmas com que o publico de Lisboa acolheu a sua ultima produção dramatica, justissimos applausos de que compartilharam Rosa Damasceno, Augusta Cordeiro, Brazão, João Rosa, Ferreira da Silva e todos os mais interpretes do empolgante drama hespanhol.

No Gymnasio promette ter longa carreira o *Hotel do Livre Cambio*, comedia franceza desde os calcanhares até á porta dos cabellos. Confusões, qui-pro quos, embrulhadas, tudo em meio d'um grande movimento de scena e tudo terminando de maneira a satisfazer o peor dos pessimistas transformado pela hilaridade n'aquelle famoso typo do *Candido* de Voltaire. *Tu est au mieux dans le meilleur des mondes possibles*. E que assim o diga o Pinto e para toda a vida.

*Os Amantes Legitimos*, que subiram á scena no theatro da Rua dos Condés, vieram, dizem os jornaes, provar mais uma vez o fulgentissimo talento de Lucilla Simões. Assim o cremos e assim deve ser. Ainda não vimos em theatro desportar astro com mais luz, outro não vimos que prometta mais veloz carreira. E' um talento de finissimo quilate, um bello diamante da mais fina agua, facil de lapidar em milhares de facetas. Quasi uma creança ainda, deslumbra-nos o seu arrebol. E' uma aurora cheia de luz que nos promette um dia criador.

Mas na vida artistica portugueza n'estes ultimos tempos o facto mais notavel, aquelle que mais se impõe como progresso, foi a abertura da exposição do Gremio Artístico, nas salas da Academia das Bellas Artes.

E' com certeza a mais bella que ali se tem realisado, para o que muito concorreu a volta do Filho Prodigio, aquelle extraordinario artista que se chama Columbano Bordallo.

N'aquellas salas docemente illuminadas, em que se fala baixinho, como para não acordar da immobildade dos sonhos aquelles retratos, da tranquillidade dos extasis aquelles paisagens, sente-se como que um religioso respeito por todo o esforço d'aquelle meia duzia de rapazes tão crentes, tão sinceros na sua arte, alguns, n'um meio tão indifferente, trabalhando sempre e progredindo.

E os olhos descansam n'aquellas salas ao ver trabalho e talento, elles costumados a ver tanta miseria, tanta inveja de impotentes, tanto ridiculo, tanta indifferença desdenhosas.

Aqui, ali, um quadro eternece-nos pela paz que respira: uma senhora tomando chá, tranquillamente, o rosto illuminado pela velha lampada invisivel, d'uma luz muito doce. Parece um quadro d'um velho flamengo. N'outro ponto uma pequenina, typosinho vulgar e sympathico, sorri-nos muito contente, desvanecida por estar servindo de modelo a um pintor.

E ainda na mesma sala, aquella velhinha d'olhos, sentada na velha cadeira da casa, bem embrulhada as pernas na manta por causa do frio, ao pé do contador onde está o crucifixo entre raminhos de flores que murcham! Com que devoto carinho não estão tocadas aquellas feições, não estão desenhados aquelles pormenores, todas aquellas coisas que também teem alma!

Depois os olhos distrahem-se, chama-lhes a atenção um quadro de mestre, uma senhora em grande toilette, sedas e rendas, com os cabellos fulvos, esbranquiçados, ou, defronte d'ella, o olhar sorridente d'uma cabeça genial.

E, na primeira impressão d'uma primeira visita, os olhos não descansam. Agora é aquelle homem a des:amisar maçarocas n'uma luz de sol intenso coada entre as grandes palhas esbranquiçadas do milho, e defronte aquella apanha das cebolas, uns vultros corvados, cheios de acção.

E assim vamos correndo as salas, vendo retratos de amigos e de desconhecidos, paisagens, marinhas, ora umas, ora outras, chamando-nos a atenção. Formam-se grupos em frente dos quadros. Discute-se. Um amigo chama-nos para nos mostrar uns quadros que nos passavam despercebidos: duas paisagensinhas a um canto, feitas com amor, uma marinha cheia de movimento.

Um quadro d'um novo, bem pintado, bem sentido: Ismael expirando á sede. Agar desanimada.

Estamos na sala das paisagens. Um platano desfolha-se pouco a pouco ao sopro do vento do outomno. Coalham o chão as folhas amarellecidas. Invade-nos a melancolia d'aquella tarde. Além n'um recorte d'um cabeço de charneca, um pastor destaca-se n'um pedaço de céu ainda doirado pelos ultimos raios do poente; as cabras caminham pelo matto escuro.

Entramos na ultima sala. Ao fundo um quadro a pastel. E' o quadro d'El-Rei. Uns bois que veem

beber; ao longe os toiros, os campinos. Um primor. Pegamos n'uma pequena photographia representando um dos baixos relevos para o pedestal da estatua de Affonso do Albuquerque, um famoso grupo que representa um dos esplendentes factos da historia portugueza.

Um olhar, um adeus ainda para o que mais nos enlevou e sahimos contentes. D'aquella visita rapida trouxemos uma alegria. Resta-nos apenas saber, para honra e maior gloria dos nossos artistas, como pela critica allemã serão acolhidos na exposição de Berlim os quadros dos nossos pintores.

Esperamos anciosos a noticia que será uma boa nova, se a justiça não é uma palavra vã.

João da Camara.

## A EGREJA DE SANTO ANTONIO EM PARIS

Todo o portuguez que de hoje em diante vier a Paris tem uma visita obrigada a cumprir, — a visita do novo santuario que a piedade dos fiéis de Santo Antonio elevou quasi no centro de Paris. Antes d'um passeio ao Bois, d'uma vista d'olhos ao salão-quadrado do Louvre e d'uma descida ao subterraneo do Pantheon, é mister que todo o bom luzitano, saudoso do recanto da Patria que abandonou por algum tempo, retempere a alma na athmosphera da Casa Divina onde resplandece, entre flores raras e focos electricos o santo lisboeta que ainda ha bem poucos mezes Portugal celebrou.

A nova igreja — em breve *mission portugaise* — fica situada no alto de Paris, a pouca distancia do aristocratico parque Monceau e do bairro democratico de Montmartre, na rua de Puteaux, *boulevard de Batignolles*.

A pouco conhecida *Rue de Puteaux* é uma via pequena, pouco larga e pouco longa, como qualquer travessa da *baixa*, — rua calma com predios de dois e tres andares, logistas que amarellecem por detraz do balcão e porteiras que leem ás portas, os folhetins dos jornes d'um *sou*. Apenas deixamos a extensa e vasta arteria do boulevard exterior e entramos na pacata travessa de que acabamos de dar o *croquis*, a traços rapidos, a principal construção que nos interessa, edificio todo novo, de *briques*, e cantaria, é a igreja de Santo Antonio, — com certo ar americanisado, todo moderno, vidraças coloridas, esbelta e correcta. O edificio divide-se em dois corpos quasi distinctos, o convento e a igreja.

O convento dos frades franciscanos recolectos é um importante centro d'obras de caridade e a igreja que lhe fica annexa é a capella do convento. Ali concorrem numerosas familias portuguezas, e, cremos que em breve o santuario do nosso thumaturgo prestará em Paris tantos serviços á nossa colonia como a igreja de São Luiz em Lisboa á colonia franceza. De resto, os frades recolectos franciscanos prometteram ao governo portuguez que d'ora em diante se encarregariam de todos os nossos compatriotas pobres, aliviando portanto d'esse pezado encargo o nosso consulado em Paris. Sabemos mesmo que já ali teem recebido soccorros importantes duas viuvas e outros portuguezes pobres que teem sido recommendados ao guardião do convento.

Em troca, o superior só reclamou um insignificantisimo serviço a Portugal — o de consentir que por cima da porta do convento se inscrevessem as seguintes palavras: *mission portugaise*.

Egual foi ha annos concedido pela Hespanha a congregação dos frades da Assumpção que teem uma capella na *Avenue Friedland* sob o protectorado da embaixada hespanhola. Por sobre a porta d'estado da igreja lê-se em letras goticas: *mission espagnole*. A Hespanha não concorre officialmente com a minima somma para as despesas do culto. E com Portugal succede exactamente o mesmo. Não temos compromissos d'especie alguma, a não ser o de proteger com a nossa bandeira (no caso de guerra ou de revolução sanguinolenta) a igreja de Santo Antonio, refugio dos pobres e dos perseguidos.

Houve já quem pensasse que a igreja de Santo Antonio de Paris seria não só um centro de propaganda reaccionaria contra as instituições liberais portuguezas, como uma ameaça aos interesses da igreja luzitana na Africa! Umidullo disparte.

Primeiramente a congregação dos franciscanos recolectos está nas melhores relações com o governo da Republica Franceza e as suas obras de caridade são reconhecidas officialmente com a protecção das auctoridades civis. O proprio conselho municipal de Paris composto na sua maio-



ria d'antigos communistas e de socialistas tem-se mesmo, mostrado, por mais d'uma vez sympathico á obra de philantropia e de solidariedade humana exercida, em tão grande escala, pelos frades franciscanos recoletos da rua de Puteaux, que só no inverno de 1894 a 1895 soccorreram 7.000 familias e mataram a fome a cerca de 30.000 indigentes!

Com respeito á igreja portugueza na Africa esse receto é mais do que ridiculo, é comico. Os frades recolectos nada temem que ver com os missionarios. A obra que exercem é toda de caridade e não d'evangelisação na Africa e Azia. D'esse trabalho espirital estão occupadas outras congregações completamente distinctas e d'ordens muito diversas.

Em resumo: a igreja portugueza de Santo Antonio em Paris não acarreta encargo d'especie alguma ao nosso paiz, não deve alarar os espiritos liberaes e não pode causar o minimo receto aos que veem com maus olhos o desenvolvimento de missões estrangeiras nas nossas colonias. Trata-se d'um centro de piedade christã que um paiz catholico onde ha uma religião do Estado não poderá de maneira alguma nem repudiar nem combater. Temos pelo contrario d'aceitar, de braços abertos, este precioso auxilio que nos vem do estrangeiro. Não podemos ser mais livre pensadores do que a propria França republicana que, como todos sabem, liga a maior consideração á igreja que possui em Lisboa, nas portas de Santo Antão.

Dois palavras sobre o templo — de que apresentamos hoje uma gravura.

A igreja é ampla, podendo conter 1.800 a 2.000 pessoas. Foi construída com a esmola dos fieis e devotos de Santo Antonio. Possui um órgão magnifico. E' toda iluminada a luz electrica. A capella mor é muito elegante. Ao centro, como é d'uso nos templos francezes — está a imagem do santo patrono, no altar de marmore, com candelabros de prata dourada.

No subterraneo é o refugio dos pobres. A crypta é immensa porque todo o espaço da igreja, incluindo a capella mor. E' ali que os irmãos terceiros da ordem, auxiliam os padres na distribuição quotidiana das esmolas e do pão aos pobres.

Mas os pobres não recebem só esmolas e alimentos: tem também medico e pharmacia gratuita e um advogado que três vezes por semana aconselha os infelizes sem meios para tratar de questões de justiça nos tribunales. Quantas desgraças salvas a tempo! E' uma obra sobrehumana.

O architecto, o sr. Normand, foi auxiliado nos seus trabalhos pelo architecto portuguez e nosso bom amigo Ventura Terra. Mesmo a construção da igreja foi uma obra franco-portugueza.

Um dos religiosos d'este convento, o superior-guardião, é um dos vultos mais sympathicos das congregações francezas, — o reverendo Padre Lamard d'Argenton.

Magro e baixo, os olhos muito vivos a scintillaram por detraz dos olhos d'ouro, figura intelligentissima, respirando bondade, este padre conquista rapidamente os corações de todos que se lhe approximam, como que tocados pela graça! Pelo renome das suas virtudes, pela forma da sua caridade inexgotavel e sempre viva é um santo, — talvez o ultimo santo do fim d'este seculo de ignobil mercantilismo e de profunda degenerescencia. E' da ala luminosa dos bemaventurados, da vanguarda dos que estão mais proximos do Céu. Por todo este enorme Paris, dos centros mais aristocraticos aos bairros mais pobres, o nome do frei Leonard é hoje tão popular como o foram nas epochas heroicas da creença, os de Vicente de Paula em França e de João de Deus na Hespanha.

Quando este enviado da Alta Misericordia, com o seu livrinho de preces na mão, envolto no burel franciscano, em sandalias, sobe a escada ingreme do pardieiro de cinco e seis andares, — um d'esses velhos cazardes dos boulevards exteriores onde apodrecem dezenas e dezenas de familias, — para ir alliviar com a esmola abençoada os que agonizam de fome, sem fogo e sem esperança, diríamos a transfiguração d'um d'esses archanjos dos quadros gothicos de Fra Angelico ou dos dourados primitivos allemães, — typo meo humano e meo divino, mas mais proximo de Deus do que dos homens, diante dos quaes, tal é a força d'amor que expandem, temos forçosamente de coroar o joelho e de cabir em adoração!

Como orador sagrado poucos ha em Paris — onde o clero é tão illustrado e eloquente — que se lhe possam egualar. O estylo sempre elevado, ora communicativo, ora amoroso, ora transportando a alma ás cumeadas do sublime, requintes d'esthetica e translucidas visões, e dos raros pregadores que temos visto subjugar um publico tão educado como o das grandes cathedraes francezes, nos centros cultos por excellencia.

Eis o padre que amanhã deve dirigir os destinos da igreja portugueza em Paris, do bom, do caridoso, do santo franciscano, do douto capuchino que as nobres princezas do aristocratico *faubourg* escolheram para director espirital e que os pobres de Paris consideram como um delegado especial do nosso thaumaturgo sobre a terra. Se a humanidade nos pudesse apresentar cem figuras como a do frei Leonard — que revolução nas almas! Porque todo o ideal seria o governo dos Santos na terra, exercendo o minimo d'autoridade com o maximo do amor, consolando pelo exemplo da Bondade os que temem sede e fome de justiça.

Paris, 1896.

Xavier de Carvalho.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### MULHERES HESPAÑHOLAS

A CHULA MADRILEÑA.

Inquestionavelmente, as mulheres mais formosas da peninsula são as do sul; mas também no centro da uerrima Hespanha, em pleno Madrid, a provocante *chula*, é a hespanhola que mais extraordinaria graça e desenvoltura offerece á admiração innata de todos os corações captivados e seduzidos, que tantos são os que palpitam e anseiam mais ao vel-a.

Todavia o encanto da *chula* reside mais na sua graça do que na formosura. De estatura meã, andulosa e ondulante, de genio meneios, extremamente viva, de rosto moreno e pallido, illuminado por uns olhos aveludados e expressivos, cujo fiasco é velado pelas sedosas pestanas, e cuja expressão diz mais do que quer. Na sua linguagem, esses olhos que valem um poema, são energeticos e doces, uma singular mistura de mel e de sal.

A *chula* é doce e paciente para com o eleito da sua alma que, muitas vezes, a maltrata e explora ignobilmente. Ella, a attrahente filha de Madrid, vivendo do seu trabalho, é em geral de caracter ardente de genio colerico, que se realça e completa por uma tal linguagem, tão livre, que faria corar uma collareja. Mas essa linguagem abunda em expressões pittorescas, felizes, subtiis e agudas como frechas que se despedem do seu grossoiro dizer.

O elegante escriptor L. Garcia Ramon, reconhece todos estes excessos de temperamento da sua gentil compatriota, mas também confessa que a *chula* é uma verdadeira leoa, capaz de se deixar matar a uma simples palavra; á galante madrileña falta-lhe a paciencia, não accete argumentos e passa facil e rapidamente das palavras ás acções, e não poucas vezes, nos quartos em cujo andar ella habita apparecem as faces de outras graciosas *chulas* feridas pelas suas unhas ponteadas.

Surda á reflexão, seguindo só o que phantasia e o coração lhe ditam, e escrava do primeiro impulso, é de um natural arrebatado, cioso, sombrio, cruel mesmo; contrariamente, a sua bondade é illimitada para quem a souber captivar, é generosa e caritativa a ponto de que cortaria em dois o seu rico *manton* de seda de Manilla; chegando quasi a despir-se para cobrir uma criança doente, uma velha mendiga ou um ancião transido de frio.

Pela propria essencia do seu caracter batallador a encantadora creatura não poderia amar um homem indolente, mas sim um animoso, cheio de coragem, por quem ella se deixaria dominar.

É mãe até ao excesso, como em todas as cousas; porque um distribuidor derrubara uma creança que esborrachou o nariz, deu-lhe um golpe com uma faca. Primitiva, desinteressada, toda coração e toda sangue, é quasi africana pura, apesar de poetica e de dominadora.

A notavel escriptora hespanhola D. Emilia Pardo Bazan, escreveu em 1889 a seguinte anedocta typica, que dá bem o sentimento religioso d'esta mulher.

«Uma *chula*, seguindo por uma rua de Madrid,

viu um mancebo elegante, forte, bigode negro, olhos bellos, e mil qualidades seductoras que ella descobria n'elle a turvaram. A impressão foi tão viva, dizia ella, que eu o olhei fixamente para que me seguisse e pensava intimamente: se este homem me não segue, morro. Desejava muito elle me seguisse, roguei á Virgem do Carmo, e prometti-lhe uma missa... e muitas cousas, até que afinal o joven me seguiu!»

E todavia, leitor descrente, ou leitora impressionavel, uma *chula* graciosa segue-se de tão bom grado, quando ella se balouça suggestivamente, que nos não admira; mesmo nada, o milagre da Virgem do Carmo.



## NOVIDADES DA SCIENCIA

### A PHOTOGRAPHIA ATRAVEZ DOS CORPOS OPACOS

O DESCOBRIMENTO DOS RAIOS «X» E SUA NATUREZA PROVAVEL. O DR. W. C. RÖNTGEN, ALGUMAS EXPERIENCIAS DAS MAIS IMPORTANTES. MODIFICAÇÕES E APERFEIÇOAMENTOS.

O seculo XIX não quiz tornar-se indigno do seculo XX nem dos seus antecessores, aos grandes descobrimentos scientificos, que já o assoberbam, mais um se juntou — o da PHOTOGRAPHIA DO INVISIVEL.

Embora, esteja apenas esboçado o extenso quadro de importantissimas applicações praticas; que o extraordinario descobrimento deve permitir, já são hoje verdadeiramente assombrosas as esperanças que se concebem. No campo do diagnostico medico e cirurgico todos os dias o celebre descobrimento recebe um novo e mais perfeito resultado.

Como se sabe, a descoberta do sabio doutor allemão W. C. Röntgen, consiste na reproducção por meio de uns certos raios luminosos electricos até hoje desconhecidos e que, por ainda se ignorar a sua verdadeira natureza e essencia, o notavel professor allemão lhes chamou raios X (incognosciveis). Essa reproducção, mercê das propriedades maravilhosas dos raios X, faz-se atravez corpos collocados por detraz de substancias julgadas geralmente até hoje, como opacas, que raio algum de luz conhecida conseguiu perpassar.

Quando a noticia d'este descobrimento se espalhou, varios sabios suppozeram que os raios X seriam analogos aos chamados raios cathodicos, com os quaes desde tempo, alguns sabios como Tommasi, Hertz, Lenard, Lebon, etc, iam fazendo diversas experiencias.

Mas, os raios X differem bastante dos cathodicos e apresentam novas propriedades. Taboas de variadas espessuras são atravessadas por estes raios. Um grosso volume de mais de mil paginas é perpassado por elles; uma placa de aluminio de cerca de dois centimetros de grossura não interrompe notavelmente a acção dos raios X, ao passo que os raios cathodicos apenas atravessam certos metaes em folhas de espessuras inferiores a centesimo de millimetro.

E se estas differenças não bastassem para distinguir uns raios dos outros bastaria conhecer-se que os raios não são desviados pelo magnete, não se reflectem, não se refrangem pelo prisma e continuam sempre em linha recta seja qual for o obstaculo que tenham de atravessar.

Por algumas das muitas experiencias que tem feito M. Tesla, em Inglaterra, e por outras do dr. Tommasi, a essencia dos raios Röntgen é electrica.

O celebre professor allemão W. C. Röntgen, cujo retrato acompanha este rapido artigo, nasceu em 1844 em Lennep, na provincia de Dusseldorf (Prussia). Fez os seus estudos até á idade de 25 annos, na universidade de Zurich onde tomou o grão de doutor em sciencias.

E' actualmente professor na universidade Würzburg (Baviera) onde ensina especialmente, mechanica, acustica e optica, dirigindo também o respectivo laboratorio.

A reputação que rapidamente conquistou, com o seu extraordinario descobrimento, valeu-lhe já o ser agraciado com a Ordem da Coroa, pelo seu soberano o imperador Guilherme.



## A PHOTOGRAPHIA ATRAVEZ DOS CORPOS OPACOS



O PROFESSOR RÖNTGEN

No presente descobrimento houve um ponto déveras digno de menção: a rápida universalidade que elle alcançou. Alguns escriptores francezes, mostram-se melindrados por isso, e adduzem que aos descobrimentos de Pasteur e de Roux se não deu igual importancia. Tratam então de averiguar as causas de tal universalidade e tentam deprimil-a dizendo que não é aos beneficios verdadeiramente humanitarios que apparecem que se presta a attenção e consideração devidas, mas sim, contrariamente, ás cousas de mera curiosidade, phantasmagoria, e que todo o exito foi a extraordinaria invenção de apresentar a ossatura de uma mão viva reproduzida n'uma photographia por uma radiação invisivel.

Felizmente, e sem quereremos entrar em tal discussão, vemos que notaveis francezes levantam a injuria feita pelos seus conterraneos, dos quaes se destaca o professor E. N. Santini, e a cada momento se realisam novas experiencias, de altissimo valor e de bella propaganda.

Pelas nossas gravuras pôde o leitor vêr algumas d'essas experiencias.

A gravura n.º 1 representa, aquella que maior brado deu, por ser a primeira, a ossatura de uma mão viva, em que se vê a mancha negra de um anel.

Na gravura n.º 2 mostra-se a photographia de uma corrente de relógio e berloque fechados dentro de um estojo de madeira.

A gravura n.º 3 mostra o esqueleto de uma rã viva.

As experiencias com os raios X ou, como vulgarmente se conhecem, de Röntgen tem sido em toda a parte repetidas com exito por vezes enorme, despertando entre os sabios e mesmo entre os simples amadores o mais extraordinario e bem cabido enthusiasmo.

Mas não se limitam os sabios estrangeiros a photographar, como fez M. Macart: a mão de uma criancinha cujo systema osseo ainda não estava perfectamente constituido, um peixe de que se distinguia perfectamente os systemas arterial e venoso, as escamas; ou uma rã em que até se observava os vasos sanguineos, o coração, etc. Tem esses benemeritos ido mais longe, modificando, simplificando o processo, aperfeiçoando-o a pontos quasi inconcebiveis.



FIG. 1

PHOTOGRAPHIA DA OSSATURA DE UMA MÃO VIVA

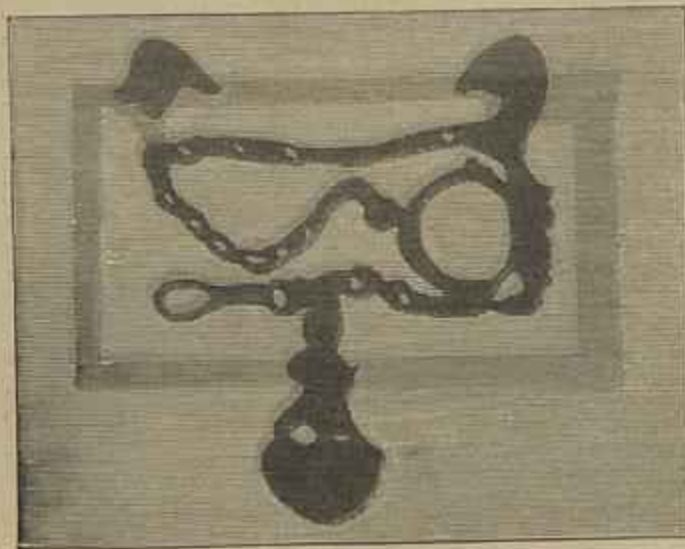


FIG. 2

PHOTOGRAPHIA DE UMA CORRENTE DE RELOGIO E BERLOQUE, ENCERRADOS N'UM ESTOJO DE MADEIRA

apresentada por M. Moissan, sobre a influencia da natureza chimica dos corpos na sua transparencia aos raios X.

Tinha M. Meslans verificado que as diversas variedades de carbone diamante, etc., davam interposições distinctas. N'isto se fundaram os srs.



FIG. 3

PHOTOGRAPHIA DO ESQUELETO DE UMA RÃ VIVA

Abel Buguet e Gascard para distinguir os diamantes verdadeiros dos falsos, pois que os primeiros deixam passar os raios de modo a darem uma photographia muitissimo mais nitida.

Uma utilização curiosa é a que se acaba de fazer na secção de archeologia egypcia no museu imperial de Vienna. Havia uma «mumia» que se desconfiava não encerrasse, apezar da sua forma humana, senão ossos do ibis sagrado. A mumia constituia um especimen precioso e por isso nunca se quiz desenrolar as faxas.

O dr. Dedekind, conservador da respectiva sec-



FIG. 4

PHOTOGRAPHIA DE UMA MÃO COM TUBERCULOSE NAS DUAS PHALANGES DO POLLEGAR E NO PRIMEIRO METACARPICO. EXPERIENCIA DO DR. TEIXEIRA BASTOS.

N'uma das ultimas sessões da Academia das Sciencias de Paris, tratando mais uma vez d'este assumpto, um dos seus membros o sr. Charles Henry, communicou que introduzira dois progressos importantes ás applicações e theoria dos raios Röntgen: utilizando o sulfuroto de zinco phosphorocente conseguiu photographar atravez de algumas moedas, absorventes para aquelles raios fios de arame cuja sombra ficava invisivel na placa photographica.

Como o futuro d'este descobrimento é, na sua applicação mais importante, o auxiliar a cirurgia e ser seu poderoso instrumento, esta experiencia veiu alargar já o seu emprego pois que o processo Röntgen limitado até aqui a casos simples, já pôde apanhar a sombra de órgãos situados por detraz de outros como o pulmão e o coração.

Outra communicação importante foi a nota de M. Meslans,



ção, fez photographar pelos raios Röntgen a múmia e a prova que se obteve mostrou a ausencia de esqueleto humano.

Não menos util é a applicação que deste descobrimento fez a administração dos correios inglezes, pois aproveitando os raios X, photographou o dr. Hall Edwards umas cartas suspeitas de conterem valores não declarados e verificou conterem dinheiro.

vra *actinographia* com que a pretendem designar.

É-nos grato, ao terminar este artigo, escrever que em Portugal tambem se tem estudado o assumpto.

Na universidade de Coimbra o sr. Dr. Henrique Teixeira Bastos, illustre cathedratico da segunda

de que na prova se viam as respectivas sombras; a mão direita de um alumno do quarto anno de medicina em que a parte esqueletica sabiu muitissimo perfeita, até nos menores detalhes; e finalmente a mão direita de um individuo que está em tratamento no hospital da Universidade, e por essa photographia o sr. Dr. Daniel de Mattos fez o seu diagnostico anatomico-pathologico, da existencia de tuberculose no primeiro metacarpico e nas



MULHERES HESPAÑOLAS — UMA CHULA MADRILENA

Pensa-se mesmo em estabelecer um serviço regular, para este effeito.

A simplificação que conseguiu o Dr. Salvioni, em Italia, é de grande valor: dispensa com o instrumento de sua invenção *cryptoscopia*, a prova photographica, pois que intercepta os raios mostrando logo a imagem.

D'aqui, aquelles que gostam de dar ás cousas o seu proprio nome, andarem já preocupados com o problema de como se ha de chamar o novo descobrimento; até querem que seja uma nova arte, com o termo *aktin* (raio) já compozeram a pala-

cadeira de physica da faculdade de philosophia, encetou no principio do mez passado, no laboratorio annexo á sua aula, alguns ensaios do novo processo photographico.

O distincto professor, que se reportou sempre com todo o rigor ás experiencias de Röntgen obteve, entre varios trabalhos, quatro verdadeiramente notaveis e cujo exito eguala os que, no mesmo genero, se tem feito no estrangeiro. Photographou um dedo indicador d'um cadaver, ficando a imagem ossea, muito nitida; um estojo de madeira, fechado, tendo dentro uns pesos e uma pinça

duas phalanges do dedo pollegar, etc., vidê a nossa fig. 4 (1).

Por aqui se vê pois, irrefragavelmente, o grande valor e interesse que apresenta o descobrimento scientifico de que o Occidente dá hoje conta aos seus leitores.

E. P.

(1) No n.º 1, d'este anno, da revista *O Instituto* de Coimbra, apresenta o sr. Dr. Teixeira Bastos o relatório das suas experiencias.



## UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

## XI

(Continuado do n.º 616)

## CONCLUSÃO

Estava D. João de Castro em Hespanha — o que é como quem diz — D. Quichote na sua patria: tinha já então em Portugal este glorioso cognome o nosso fero Rodomonte. Mas como ha Quichotes e Quichotes, este é sinistro. Nenhuma das suas aventuras nos faz rir. Na chistosa *Memoria de las mas famosas comedias, que hasta aora han salido en España, con los nombres de los autores, hecha por el Reverendo sacristan de San Trocas*, o faceto auctor anonymo baptisou-o com o nome do famoso heroe de Cervantes.

Na terra estrangeira a *fuertza de la sangre*, em vez de se lhe applicar, redobra de violencia, requilota até á temeridade, e D. João chega a ser epico, tanta é a sua selvagem bravura! O seu genio mostra-se-nos aqui em permanente crise de furia. Nem arrependimento do que fizera, nem receio do que lhe poderiam fazer! Um brigão indomável e incorrigível! Este é que, se lhe fizessem a pergunta que D. Sebastião dirigiu um dia ao duque de Alba, podia responder, sem mentir, que não sabia a cor do medo!

Na vida d'este nosso D. Juan começámos pelas estocadas — faltam-nos os amores. E sem estes o retrato ficaria incompleto.

Ha em um poema de Zorrilla — *Margarita la tornera* — um D. Juan de Alarcon — *calavera destemido* — que parece ser o retrato do nosso fidalgo: com effeito este capitulo da sua vida podia bem figurar entre os episodios do agitado romance dos amores do desalmado e tunante fidalgo de Palencia. Se as grades d'algum convento lhe ouviram os namorados quebeiros de Lindoro apaixonado, e se raptou alguma filha do Senhor, não o sabemos, mas que elle se deixou prender dos encantos d'uma *Syrena*, isso é certo — e foi em Sevilla.

Era bailarina, como a outra de Alarcon, e com a sua provocante formosura e o seu feiticeiro voltear lhe captivou o coração? Não o affirmo o chronista, que lhe chama comediantes; mas a fama dos seus amores com D. João de Castro chegou até nós; encontraram-na, ainda recente e viva, os que por alli passaram no anno seguinte, manifesta nas galas com que ella representava, ao mesmo tempo, a louca vaidade do fidalgo e o seu papel na comedia, «sendo mais celebrada pelo que dava que dizer, que pelo que dizia». Não tinha talento, mas seria formosa? Não seria formosa, mas teria graça, e como outra sua patricia feia, mas de garbosa e linda figura, poderia dizer — *Non soy hermosa, pero tengo salero!*

Tivesse ou não os dons do talento e da belleza, o amor tudo explica; e o — quem o feio ama bonito lhe parece, é tão verdade em Portugal, como nas terras da Andaluzia. E d'ahi:

— *Que diablos! cada cual halla  
d'onde quiere la belleza.*

diz Zorrilla, e é verdade.

Se a luz da ribalta não illuminava os scintillantes olhos ou a escultural belleza da diva, em compensação a luz do sol dá aqui em cheio no seu amante, que no theatro do mundo nos apparece sempre no primeiro plano, de mão na espada e de juba erguida, como um leão rugidor. Devia trazer a vida por um fio um homem como este, na Hespanha de 1670, depois da guerra da Restauração. Pensariam outros n'isso, elle não! Foragido da sua terra, e n'uma cidade como aquella de tantos lances e tão arriscadas aventuras de negros olhos e feras estocadas, ahí é que elle se sentia bem, respirando a plenos pulmões aquella atmosfera abraçada, cheia de perigos e de seducções. Que o perigo para elle era mais um encanto!

E como elle o provocava, como elle o affrontava! Um dia, por uma sombra, por uma desconfiança que teve em um theatro, — «em uma publicação» — diz a chronica — D. João desafiou toda Sevilla! É espantoso! Bom anjo da guarda tinha elle por si, para escapar com vida de tam temerarias emprezas! E ellas succedem-se imprevistas, e qual d'ellas mais perigosa.

Estamos chegados ao mais terrivel lance em que elle, por bríos de cavalleiro e de portuguez, mais uma vez jogou a vida. Foi n'um pateo de comedias, onde se ia representar uma, em que, sob o

nome do duque de Bragança, era maltratada a memoria de D. João IV. A peça — boa ou má — não era decerto desagradavel, n'aquelle momento, para os castelhanos; quantos dos que alli estavam para a ver e ouvir, não teriam tambem ouvido sibilar as balas portuguezas nos plainos do Alemtejo... As derrotas não estavam esquecidas — Montijo, linhas d'Elvas, Ameixial, Montes Claros, — as feridas ainda sangravam. O orgulho ferido, as ambições frustradas, são maus conselheiros. A tal comedia era, portanto, um desabafo patriotico. Escripito por um castelhano, era só para castelhanos. O que ia fazer lá D. João de Castro!

Como se achara elle alli — não o podemos nós dizer. Sabia anticipadamente do enredo, e foi lá de caso pensado, ou ignorava tudo? Dado o homem, a primeira hypothese é tão provavel como a segunda. Tomado de surpresa pelo inesperado e irritante da scena, entre sair do theatro, ouvir impassivel offender o seu rei, ou protestar, correndo o perigo de affrontar sozinho uma platea, onde não contava com um braço amigo, que se erguesse para o defender, o que estava no seu character não era fugir, era reagir, e bater-se. A situação era medonha, as consequencias fataes. Elle, porém, não trepidou.

O arrojado é a tal ponto temerario, que assim como nos surprehe a nós, mais, decerto, surprehe os hespanhoes, que assistiam ao espectáculo. Que ousadia aquella, de um estrangeiro — um portuguez, de mais a mais — vir alli interromper a representação, pôr embargos aos seus divertimentos! E agravavam o insolito do caso os odios nacionaes, porque, se a guerra havia acabado, por baixo das cinzas ainda lavrava o fogo, e a escolha da comedia era d'isso prova bem evidente. Quanto é para lamentar a mesquinha e extemporanea concisão do chronista, que nos poderia narrar o successo por miúdo! Se os castelhanos tivessem morto o audacioso portuguez, nada nos surprehenderia, porque seria o natural desfecho d'aquella situação, mas o indomito leão saiu de lá, se não incolume, pelo menos vivo — e é isto que duplica a nossa admiração!

Andavam então em Hespanha muitos portuguezes — soldados e aventureiros; — n'outro logar d'esta chronica vemos que na comitiva de D. João de Austria, quando elle se insurgiu contra a influencia politica do padre Everardo, confessor da Rainha — figuravam muitos portuguezes e catalães. Iria, pois, D. João de Castro acompanhado de patricios seus, já dispostos á rixa, e homens destemidos como o seu chefe, conseguiram elles impor-se e dominar a platea? Resta-nos ainda outra solução, e é a impressão que faria o protesto do valente fidalgo nos animos sensatos, nas almas generosas, que, fazendo justiça á bizzaria do acto, acudissem em sua defeza.

Saindo do terreno das hypotheses, o que é certo é que a comedia não foi representada! A aventura, pelo extraordinario, ficou memorada na tradição hespanhola, e, se não me engano, ha n' *Gil Braz de Santilhana* uma historia d'um portuguez, protagonista d'igual proeza n'um theatro de Hespanha.

Como se o programma da sua vida fosse o d'um romance de aventuras, ellas succedem-se, e surgem, quando menos as esperamos. Aqui temos outra, e esta passou-se no rio, quando vinha embarcado para San Lucar. A pendencia foi com os *aduaneros* de Coria.

Eram tres, e atacaram o barco de D. João de Castro, perguntando-lhe um d'elles o que levava.

— Leva isto — respondeu elle.

D. João puxara pela espada, e com ella abriu a cabeça ao pobre *aduanero!* Isto foi a cotilada, cuja cicatriz na cabeça do hespanhol ficou para memoria do desastrado encontro. «Appellidaram os feitores da aduana a voz d'El Rei, amotinou-se o logar — que é cousa pouca, apertou o seu barco os remos, e primeiro chegou a San Lucar a culpa que o aggressor».

E assim andou o nosso heroe discorrendo pela Hespanha — tratando-a como patz inimigo — depois das pazes de 1668, até que em 1671 a nostalgia, ou as justicias hespanholas, o fizeram voltar á patria, dando fim ás suas aventurosas e tragicas peregrinações.

As portas, que se abriram de par em par, para receber o heroe repatriado, não foram as dos Paços do Regente, onde elle tanta vez entrara ufano, e d'onde tantas saíra maltratado — não foram essas, foram as do Castello de Lisboa, para onde D. Pedro, apenas soube da sua chegada, o mandou encarcerado. Não era a prudencia a virtude maior do nosso d'Artagnan, já o sabemos, e «fez logo publica a sua chegada seu proprio desenfado». Ha uma sciencia, que era incompativel

com o seu temperamento — a sciencia da vida.

No Castello esteve até fevereiro, em que o mandaram, escoltado, para a Torre de Belem, e com tão estreita prisão, que, noite e dia, tinha as sentinellas á vista! Não se divulgaram as causas d'este rigor, mas parece-nos elle justificado pelo natural receio de segunda evasão, á falta de novos motivos de queixa, que contra elle tivessem o Regente, as auctoridades ou os particulares.

Não corriam os tempos propicios para certos individuos, e as prisões fecharam-se frequentes vezes sobre pessoas gradas. Uma d'estas foi D. Francisco de Lima, outro nosso conhecido — o da liteira do adro de S. Domingos. Voltara elle da India, onde estivera muitos annos, em 1666, e trouxera cabedal, em vista do que foi, como é natural, bem recebido, e estimado. Atraz d'elle vieram, porém, as queixas dos que se diziam espoliados, e estas o fizeram prender.

Tambem este fugiu, comprando as guardas, e a despeito dos correios que lhe mandaram no encaço, para na fronteira o prenderem, não foi possivel alcançá-lo. Em 1674 estava, como já dissemos, — em Roma, e por fim veio morrer em San Lucar, em 1679, deixando a Misericordia de Lisboa por sua universal herdeira. Sequestraram-lhe parte dos bens, quando elle se evadiu da prisão, mas tinha-se elle procatado, e não obstante isso legou ainda um milhão! As devassas, que vinham da India, atemorizaram-o a elle, mas não impozeram respeito á Misericordia, que, visto o testamento, nomeou Raphael de Paiva — um dos seus mesarios — e o bacharel José de Faria, para irem arrecadar a avultada herança do foragido, accusado de ter roubado na India o que agora doava aos pobres de Lisboa! O arrependimento salva, e, de mais, a Misericordia era um Banco, a que recorriam ainda os mais poderosos.

Para sair agora d'este segundo e mais rigoroso encerro não necessitou D. João de Castro nem de se valer novamente da intervenção dos santos, nem do oiro, que tambem faz milagres. *In hoc signo vinces*. Valeram-lhe, para lhe conquistar a liberdade, «algumas gentilezas que obrou em credito do valor da nação», sendo uma d'ellas, que já referimos, oppor se, em Hespanha, á representação da comedia em que figurava o duque de Bragança. Foi este com effeito um acto de grande valor, que faz com que se lhe perdoem outros, que pesam sobre a memoria d'este fidalgo, de quem se pode dizer — como disseram de Benvenuto Cellini — que era *un uomo terribile*.

D. Pedro pospoz, neste caso, a justiça á gratidão, e concedeu a liberdade a quem tão denodada e patrioticamente expozera a vida, para que não affrontassem, na sua presença, a memoria do rei, seu pae. «Pode se duvidar se foi castigo, se favor, porque se a prisão lhe escusava delictos, a liberdade lhe negociava prisões» — acrescenta fr. Alexandre da Paixão.

Era mau para inimigo este frade. O Regente perdoou, mas elle não teve mão em si, que não lhe commentasse a sentença.

Segue-se d'aqui até 1676, um periodo de paz, em que parece elle não ter dado signal de si — como se costuma dizer, mas o iracundo gentil-homem não queria deixar o frade por mentroso, e cá o temos outra vez! «Quarta feira, 13 d'este (novembro), amanheceu a casa de D. João de Castro cercada de cavallaria e infantaria, e hum corregedor da corte para o prender. Vio-se cercado, sahio, e deo-se á prisão; foi levado á Torre de Belem, e preso com grande estreiteza, com ordem que o não deixassem falar com ninguém. Variamente se ajuiza sobre a causa, porém não se sabe qual seja».

São estas as ultimas noticias que fr. Alexandre nos dá de D. João. Sempre as mesmas; não era elle homem que variasse, senão nas avarias! E aqui lhe perdemos o rastro e terminam, para nós, as memorias d'este homem singular e terrivel!

D. João de Castro Telles, senhor do Paul do Boquilobo, e de toda a casa de seu pae, era filho de D. Pedro Fernandes de Castro, e de D. Luiza de Menezes, filha de Nuno Fernandes Cabral, Alcaide-Mor de Belmonte e de Azurara. Foi casado com D. Archangela Michaela de Portugal, filha de D. Rodrigo Lobo, conde de Sarzedas, camarista da Rainha de Inglaterra, D. Catharina, e depois dama de honor de D. Maria Anna de Austria. Falleceu, sem descendencia, em 3 de novembro de 1697.



## POESIAS DIVERSAS

## TEXTO

## A UMA SENHORA REZANDO POR UMAS CONTAS

Peço-vos que me digais,  
As orações que rezastes,  
Se são pelos que matastes,  
Se por vós, que assim matais?  
Se são por vós, são perdidas;  
Que qual é a oração  
Que seja satisfação,  
Senhora, de tantas vidas?

Que se vedes quantos vêm  
A só vida vos pedir,  
Como vós ha Deos de ouvir,  
Se vós não ouvis ninguém?  
Não podeis ser perdoada,  
Com mãos a matar tão prontas,  
Que se n'uma trazeis contas.  
N'outra trazeis espada.

Se dizeis, que encommendando  
Os que matastes andais;  
Se rezais por quem matais,  
Para que matais, rezando?  
Que se na força de orar,  
Levantais as mãos aos Deos,  
Não as ergueis para Deos,  
Ergueil-as para matar.

E quando os olhos cerrais,  
Toda enlevada na fé,  
Cerram-se os de quem vos vê;  
Para nunca verem mais;  
Pois se assim forem tratados  
Os que vos vêm, quando orais,  
Essas horas que rezais,  
São as horas de finados.

Pois logo, se sois servida  
Que tantos mortos não sejam,  
Não rezeis onde vos vejam,  
Ou vede, para dar vida.  
Ou se quereis escusar  
Esses males que causastes,  
Resuscitai quem matastes;  
Não teréis por quem rezar.

Camões

## NO COLO DA BÉBÉ

Ao ver essa criança, adormecida  
No teu colo suave e alabastrino,  
Vibra em mim, como um cantico divino  
Dama santa saudade indefinida.

Era assim que eu dormia, quando a vida  
Me envolvia num sonho cristalino:  
Era assim que eu dormia, em pequenino,  
Nos braços duma mãe estremeçada.

Que doce quadro, meu amor! eu dava  
Os altos ideaes, que fantasiava  
Em não sei que reconditos espaços,

A troco, simplesmente, da ventura  
De ser a pequenina creatura,  
Que adormece emballada nos teus braços.

Joaquim de Araujo

## VERSIONE

## AD UNA SIGNORA CHE RECITAVA IL ROSARIO

Amerci saper, se lice,  
Se le preci che ora fate  
Son per quell che amazzate,  
Se per voi, l'uccidite?  
Se per voi, sono nefaste;  
Chè qual è quella orazione  
Ch'esser può soddisfazione  
Per le vite che immolaste?

Molti a voi correr vedete  
Vita solo ad implorare:  
Come or Dio vi ha da ascoltare,  
Se esaudir nessun volete?  
Chiusa vi è al perdon la strada,  
Perché con fin sanguinario,  
Se una man vostra ha il rosario,  
L'altra in pugna acuta spada.

Dite voi, che accomandando  
Quei che avete ucciso andate:  
Se per chi uccideste, orate,  
Perché uccidere, pregando?  
Lorché alzare al Sommo Sire  
Le mani ambe vi vegge' io,  
Non le alzate già vèr Dio,  
Ma le alzate per forire.

E allorché chiudete i rai,  
Tutta assorta nella fede,  
Par li chiude chi vi vede,  
Per null' altro veder mai.  
Se or così sono trattati  
Quei che vi vedon pregante,  
Queste preci tutte quante  
Preci son pei trapassati.

Se vi è poi cosa gradita  
Di non far strage sì trista,  
Pregherete, ma non vista;  
O vedrete, per dar vita.  
Che se amate rimediare  
Questi mali che causaste,  
Date vita a chi amazzaste:  
E per niun dovrete orar.

Prospero Peragallo.

## IN BRACCIO AD UNA FANCIULLA

Al vedér questa bambola assopita  
Sul tuo seno soave e alabastrino,  
Sorge in me, come un cantico divino,  
Non so qual brama santa, indefinita.

Io dormiva così, quando la vita  
Scorrea per me in un sogno cristallino:  
Io dormiva così quando bambino  
Stava in grembo a mia madre intenerita.

Che dolce quadro, o verginella! io dava  
Gli alti ideali, che fantasticava  
In certi oscuri spazi e senza traccia,

In cambio sol della special ventura  
D'esser la piccoletta creatura,  
Che cullì, e fai dormir nelle tue braccia.

Prospero Peragallo.

## A INDUSTRIA DAS TAPEÇARIAS EM PORTUGAL

## (CONTRIBUIÇÕES PARA A SUA HISTORIA)

Das narrações dos chronistas e viajantes, deprehendendo-se que na Edade-Media e na Renascença, as tapeçarias constituiram para os portuguezes um elemento decorativo da mais alta preferença.

Não havia entrada ou recepção solemne, jogo de cannas, corrida de touros, festa religiosa ou da corte, de grande esplendor, em que ellas não figurassem, por vezes n'uma extraordinaria profusão.

É ler as descripções de João Baptista Venturino, de Aguilar y Prado, de Jorge Ferreira de Vasconcellos, de Velasquez Salamantino, de Figueiróa, de Manuel de Galhegos, de Diogo de Villegas.

Nas suas residencias, que, não se distinguindo pela belleza da architectura, em compensação eram geralmente notaveis pelos primores de arte e de sumptuosaria que encerravam, — os monarchas, os fidalgos, e, ainda, os burguezes enriquecidos pelo commercio do Oriente, possuíam grande numero de razes.

Os duques de Bragança, por exemplo, tinham no seu magnifico palacio de Villa Viçosa (o mais bello da Peninsula, exceptuado o paço real de Madrid, — no dizer de um estrangeiro), uma collecção importantissima, não só numericamente, como pela perfeição e riqueza material das peças.

A essas admiraveis tapeçarias, — entre as quaes havia algumas representando feitos de Nun'Alvares, — se referem João Baptista Venturino, quando nos descreve a opulenta residencia ducal, e o fausto com que foi n'ella recebido, em 1571, o cardinal Alexandrino, legado de Pio V, — e, no seculo

xvii, Diogo de Villegas e D. Antonio Alvares da Cunha, ao relatarem, no estylo exaggerado da epocha, o baptisado solemnisimo da infanta D. Isabel, filha primogenita de D. Pedro II.

Na sua quasi totalidade, as tapeçarias que havia em Portugal não eram feitas no paiz.

Na epocha faustosa de D. Manuel, estreitadas as nossas relações commerciaes e artisticas com as Flandres, por intermedio das feitorias de Bruges e Antuerpia, era principalmente de lá que nos vinham. Nas cartas dos nossos feitores e enviados, ha referencias numerosissimas a encomendas de tapeçarias e bordados.

Documentos officiaes provam, comtudo, que essa industria foi entre nós exercida pelo menos desde o tempo de D. João I. Quem a ella se consagrava, era o arabe, tão distincto, e, para nós, tão util, pela sua actividade agricola e industrial.

Eis os documentos, já conhecidos pelos resumos que d'elles appareceram n'um dos artigos da serie intitulada *Curiosidades historicas e artisticas*, em publicação no *Diario de Noticias*, mas agora pela primeira vez impressos na integra:

D. Affonso, etc. A quantos esta nossa carta virem, fazemos saber que, per os nossos mouros tapeceiros, moradores na Mouraria da nossa cidade de Lisboa, nos foi apresentada uma carta d'el-rei meu senhor e padre, cuja alma Deus haja, da qual o teor tal é, como se adiante segue: — «D. Eduarte, per graça de Deus rei de Portugal e do Algarve, senhor de Cepta, a vós, alcaide dos mouros d'esta cidade de Lisboa, e a outros quaesquer que esto houverem de ver, a que esta carta for mostrada, — saude, Sabede que *Mafamede Lobo*, mestre dos tapetes, nos disse que a elle são muito compridoiros dois moços, pera os haver d'ensinar ao dito officio. E, porem, vos mandamos que aos ditos dous moços que assi houver mister o dito *Mafamede*, pera os haver de ensinar ao dito seu mestre (*sic*), que vós lh'os deis; e, depois que os elle tiver em seu poder e os ensinar, mandamos e defendemos que nenhum lh'os nom tome, nem engalhe, nem leve pera nenhuma partes que sejam; e, se lh'os tomar, ou engalhar, ou levar pera algumas partes, que os ditos moços sejam logo entre ao dito *Mafamede*; e esses que lh'os assi engalharem, ou tomarem, nos paguem pera nós cem mil libras por cada um moço que lhe assi tomarem, ou levarem, por cada vez. E, depois que elle tiver ensinados os ditos dous moços, mandamos que lhe dem outros dous; e os que tiver ensinados, que façam seus proveitos, vivendo per si, ou com quem por bem tiverem; e, depois que tiver ensinados estes outros dous, dem lhe outros dous, e assi lh'os vão dando, pela maneira susso dita. E, per esta carta, mandamos ao nosso thesoureiro-mor que arrecade pera nós a dita pena das ditas cem mil libras, e ao escrivão do dito officio, que lhe ponha os ditos dinheiros em recepta sob''elle, em guissa tal, que todo venha a bom recado, senom sede bem certos que vós nos pagarés a dita pena em dobro, de vossas casas; e a l'nom façades. Dada em a dita cidade, 13 dias de Julho. — Alvaro Annes a fez. — Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de 1437 annos. — Pidindo-nos os ditos mouros por mercê que lhe confirmassemos a dita carta, e vista (*sic*) per nós seu requerimento, e querendo-lhe fazer graça e mercê, por o sentirmos por nosso serviço e bem e proveito de nossos reinos, temos por bem e lh'a confirmamos. E, porém, mandamos a todos os nossos corregedores, juizes e justicas, e a outros quaesquer officiaes e pessoas que esto houverem de ver, que lhe comprem e guardem e façam cumprir e guardar a dita carta, em todo, assi e pela guisa que em esta nossa é conteudo; e mandamos ao alcaide dos ditos mouros que lhes dem e façam dar os ditos dous moços mouros, pera os haverem d'ensinar, assi e pela guisa que em a carta do dito rei, meu senhor e padre, que Deus haja, é conteudo, sem lhe poerem sob'ello outro embargo algum. Dada em a nossa villa de Santarem, 3 dias do mez de Março. — Pero Lourenço a fez. — Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1471. <sup>1</sup>

D. Affonso, etc. A quantos esta nossa carta virem fazemos saber que os mouros nossos tapeceiros, morador em a nossa cidade de Lisboa, nos fizeram recotamento como elles tinham privilegios d'el-rei D. João e d'el-rei Duarte (*sic*), meu avô e padre, que Deus haja, e confirmados per nós, per que eram privilegiados e escusados de nom pagarem em nenhuns nossos privilegios, nem servirem

<sup>1</sup> De todas essas descripções se encontram largos extractos no cap. IV da interessantissima obra do sr. dr. Sousa Vitorino, *Artes e Artesãos em Portugal*.

<sup>2</sup> Torre do Tombo, liv. 16, de D. Affonso V, fl. 30 v.





D. RODRIGO BERQUÓ — FALLECIDO EM 18 DO CORRENTE

nos nossos encargos, nem nos da dita communa; e que, ora, a dita communa houera da sentença contra elles, pela qual mandámos que lhes nom guardassem seus privilegios, e que todos servissem, — no que lhes era facta agravo, porquanto elles foram sempre privilegiados e escusados polos ditos rex. Pedindo nos os ditos mouros tapeteiros por mercê que sobr'ello lhe proveessem com remedio, e visto per nós seu requerimento, e querendo lhes fazer graça e mercê, queremos por bem (*sic*) e queremos que os privilegios que assi tem dos ditos reis, e confirmados per nós, lhes sejam compridamente guardados. E, porem, mandamos a toda las nossas justicias e aos officiaes que ora são da dita communa, ou ao deante forem, e a outros quaesquer officiaes, pessoas a que o conhecimento d'esto pertencer, e esta nossa carta for mostrada, que comprem e guardem, e façam comprar e guardar, em todo, aos ditos mouros nossos tapeteiros, os ditos privilegios que assi tem dos ditos rex, meu avô e padre, que Deus haja, e confirmados per nós; e lhes nom vão, nem consentam ir, contra elles, em parte, nem em todo, em maneira alguma, porque assi é nossa mercê, sem embargo de qualquer privilegio ou privilegios e ordenações, que acerca d'esto sejam em contrario, e sem embargo de sentença que, ora, os mouros da dita communa houeram contra elles, o qual (*sic*) queremos que se nom entenda em os ditos tapeteiros, porquanto queremos que lhes sejam compridamente guardados seus privilegios, como dito é, sem outro algum embargo. — Dada em a dita cidade, 8 dias do mez d'Outubro. — Pero Lourenço a fez. — Anno de Nosso Senhor Jesus Christo de 1471.<sup>1</sup>

Por carta de 2 de Junho de 1492, D. João II confirmou a precedente.<sup>2</sup>

Os tapetes fabricados em Lisboa pelos mouros eram, provavelmente, no genero dos modernos tapetes arabes. O mouro é eminentemente conservador, tradicionalista.

(Continúa)

José Pessanha.



## REVISTA POLITICA

Permita o meu estimado leitor que eu saude de preferencia este bello tempo primaveral, vivificador

<sup>1</sup> D. Alfonso V, liv. 22.º, ff. 32 v.º  
<sup>2</sup> D. Manuel, liv. 30.º, ff. 65 v.º

e fructificador, ao livro *Liquidações politicas* do sr. Fuschini, um tanto infeccioso e dissolvente. E' questão de temperamento, de indole, o enlevar-me muito mais o canto trinado dos passarinhos por estas manhãs claras de primavera, perfumadas dos aromas da serra, onde desabrocham as giestas e cresce o melancolico lyrio, do que seduzir-me pela roupa suja que o sr. Fuschini vem lavar para o soalheiro da praça, com aquelle prazer dos deuses que se chama Vianga.

Antes este bom tempo criador que fecunda a terra e enriquece as cearas, do que todas as liquidaciones politicas que só liquidam despeitos e paixões, avolumando o deficit de censo moral que empobrece a sociedade portugueza.

Por entre o trigo tambem nasce o joio, a ervinha, mas por isso ainda não se deixou de semear a terra e ceber as cearas. D'ahi o dizer-se: não ha trigo sem joio. O sr. Fuschini quer ser o trigo. Não diremos o contrario; mas francamente, o exministro da fazenda, que cahiu de pé quando deixou de fazer parte do actual gabinete, está-se collocando na situação de ficar de cócoras, com o infeliz papel que se propoz desempenhar.

Oiça, caro conselheiro, sempre lhe quero lembrar aquella maxima arabe, que em portuguez se poderá traduzir assim:

«Esteja a pera na pereira e não apodressa, que lá virá quem a moreça».

E já agora lá vae outra:

«A palavra é de prata, mas o silencio é de ouro». Oiro! oiro! onde vê-lo a não ser em alguma burra aferrolhado a sete chaves e a cadeados do segredo!

Está a 27 por cento dizem os boletins do cambio, apezar de um d'estes dias um pobre diabo me contar ingenuamente, que as libras estavam muito baratas.

— Vendem-se a 1:200! Que-lhe parece? Vá lá a gente fiar se até que seja no oiro.

—!

— N'essa não caio eu. Ao de menos uma nota de cinco mil reis, sempre valle cinco mil réis.

—!

Aquelle é que estava na conta para comprar toda a papelada e bater as palmas de contente, com a conversão da divida publica.

Com effeito uma das propostas de fazenda apresentada em cortes pelo sr. Hintze Ribeiro é a da conversão dos diferentes titulos do thesouro em um só typo.

Esta medida ha muito esboçada na mente de varios titularos da pasta das finanças, não sei se terá chegado ao devido ponto de maturação, para que seja viavel, nas circunstancias actuaes.

Entretanto se o incansavel ministro da fazenda conseguir realisar esta difficil operação, será uma glória para o seu nome e uma medida de alcance para o credito do paiz.

Outra medida de fazenda de não menor importancia é a remodelação da contribuição predial, no sentido de melhor arrolar a propriedade, distribuir mais equitativamente o imposto, e fiscalisar mais cuidadamente a sua arrecadação.

Quanto a contribuição sumptuaria, não me parece sufficientemente pratica a forma da sua remodelação. A distribuição d'este imposto praticada por juntas ou commissões parochiaes, pode dar lugar a conflictos entre os colectados, pelo modo por que é feita, e em que a politica poderá influir fortemente.

São estas as propostas que se me afiguram mais importantes, além do novo imposto de fabricação, que me parece irá aggravar a produção fabril, de que annual quem maiores proventos auferê é o commercio.

Quanto mais livre se deixar a produção nacional tanto melhor para o equilibrio economico do paiz. O mesmo direi da proposta referente á reforma da pauta.

Outra proposta ainda, a n.º 9, apresentou o sr. ministro da fazenda e é a da emissão dos 9.000 contos em obrigações dos tabacos, com destino exclusivamente á reconstituição da nossa marinha de guerra.

O fim altamente util e de necessidade inadiavel d'esta proposta justifica plenamente, além de que não

ha outro meio de occorrer a esta despesa extraordinaria e impreterivel.

O resto das propostas, pois que ao todo são 14, referem-se á remodelação de varios serviços de fazenda, havendo a n.º 12 altamente sympathica, que trata da criação de uma caixa de aposentações para operarios e jornaleiros, e a n.º 13 que se occupa da criação de um monte de piedade nacional.

E' realmente importante o trabalho que estas propostas representam, por parte do sr. ministro da fazenda, além dos relatorios que as precedem e da apreciação geral da fazenda publica.

D'essa apreciação vê-se que o orçamento da despesa, nos ultimos dois annos, tem ficado saldo sem deficit, sem esse horrivel monstro, que se chogara a desesperar de haurir dos orçamentos.

E já que os horizontes financeiros se apresentam tão côr de rosa, voltêmos a contemplar esta primavera festiva, ouvindo chilriar os passaritos nas arvores d'este «jardim á beira mar plantado» onde as flores embalsamam o ar com seus perfumes e a terra se atapeta de mil côres que mal encobrem muitos abrolhos que tambem d'ella nascem.

João Verdades.

## NECROLOGIA

## D. RODRIGO BERQUÓ

Falleceu no dia 18 do corrente em Lisboa, onde estava de passagem, este benemerito, que aos elevados dotes da sua intelligencia juntava um espirito alegre e de grande actividade, no desempenho dos cargos que lhe estavam confiados. Director e administrador do Real Hospital das Caldas, desde 1888, todos que annualmente fazem romaria aquella villa, em procura de alivio a seus soffrimentos, conheciam o illustre engenheiro, o grande transformador d'aquella estação thermal, hoje a mais opulenta e agradável do paiz.

Não foram pequenas as luctas que sustentou para iniciar as reformas no velho estabelecimento thermal, como de resto acontece a todos os reformadores, mas sahiu triumphante dos seus trabalhos, dotando a villa das Caldas com um novo hospital modelo, e iniciando a construção do novo edificio denominado a Copa.

O hospital de Santo Isidro planeado por D. Rodrigo Berquó e inaugurado no dia 19 de março de 1893 é uma gloria para o seu auctor e um beneficio para a humanidade.

A sua construção subordinada a um plano inteiramente moderno, segundo os mais recentes estudos da sciencia hospitalar, contém innovações do auctor que excedem e que podem servir de modelo ás construcções d'este genero.

D. Rodrigo Berquó já tinha mostrado as suas aptidões e competencia, na construção do estabelecimento thermal da Felgueira, quando foi nomeado director do Hospital das Caldas, onde a sua administração deixou um rastro tão brilhante.

O illustre engenheiro era filho do marquez de Cantagalo, camarista que foi da imperatriz D. Amelia, viuva de D. Pedro I do Brazil e IV de Portugal. Nasceu no Brazil, mas veio ainda creança para Lisboa, onde foi educado e onde cursou, com notavel distincção, os cursos superiores que lhe deram a sua carta de engenheiro.

Muito popular em todo o concelho das Caldas, não era menos estimado na alta sociedade portugueza com que convivia e onde muito lhe queriam.

A sua enlutada familia enviamos os nossos pezaes.

## Almanach Illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Esta publicação este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

A capa é um lindo chromo representando uma burricada a caminho do Castello da Pena, em Cintra.

PREÇO 200 RÉIS — PELO CORREIO 220 RÉIS

À venda na

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. Barata & Sanches Rua Nova do Loureiro, 25 a 29